

O POETA *GAUCHE* DAS INÚMERAS FACES: DRUMMOND E AS VÁRIAS VOZES QUE O CONSTITUEM

THE POET *GAUCHE* OF THE MANY FACES: DRUMMOND AND THE VARIOUS VOICES THAT CONSTITUTE IT

Felippe Nildo Oliveira de Lima, Ana Paula Sarmento Carneiro
Universidade Federal de Campina Grande, felippe_rn@hotmail.com
Universidade Federal de Campina Grande, anasarmento@bol.com.br

RESUMO

Para realizar este estudo, a fundamentação teórica embasou-se nos textos de Brandão (1997) e de Fernandes (2008), enfocando a noção de sujeito da Análise do Discurso de linha francesa como um ser cindido que precisa do Outro que o constitui para produzir discursos. Da mesma forma, tomou como base os estudos de Authier-Revuz (1990) e de Mesquita & Rosa (2010), que enfatizam a natureza heterogênea que constitui o sujeito e que é revelada em seu discurso, e de Santos (2009), que destaca a relação entre Análise do discurso e Literatura. Após a leitura dos textos teóricos, houve a análise discursiva do *Poema de sete faces* de Drummond, que buscou levantar indícios de como se dá a relação de heterogeneidade discursiva que constitui o sujeito-autor Drummond na materialidade linguística da poética drummoniana. Percebeu-se que o poeta, enquanto sujeito-autor, utiliza-se de diferentes vozes. No caso do poema analisado, estas vozes são predominantemente oriundas de textos bíblicos, para formar uma aparente unidade discursiva.

Palavras-chave: análise do discurso, sujeito, heterogeneidade discursiva, Drummond.

ABSTRACT

In order to carry out this study, the theoretical basis was based on the texts of Brandão (1997) and Fernandes (2008), focusing on the notion of the subject of French Speech Discourse Analysis as a split being that needs the Other that constitutes it to produce speeches. Likewise, he took as a base the studies of Authier-Revuz (1990) and Mesquita & Rosa (2010), which emphasize the heterogeneous nature that constitutes the subject and which is revealed in his discourse, and Santos (2009), who highlights the relationship between Discourse Analysis and Literature. After reading the theoretical texts, there was the discursive analysis of Drummond's Seven-Face Poem, which sought to elucidate how the relation of discursive heterogeneity that constitutes the subject-author Drummond in the linguistic materiality of the drummonian poetics occurs. It was noticed that the poet, as subject-author, uses different voices. In the case of the analyzed poem, these voices are predominantly from biblical texts, to form an apparent discursive unity.

Palavras-chave: análise discourse analysis, subject, discursive heterogeneity, Drummond..

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Análise do Discurso de linha francesa, doravante AD, tem um caráter de intersecção com variados campos do saber das ciências humanas, dentre eles: os estudos de Pêcheux, a teoria do dialogismo de Bakhtin, a teoria polifônica de Ducrot e as interseções com a Psicanálise freudiana, reinterpretada por Lacan, somadas às concepções de ideologia marxista analisadas por Althusser.

Essas contribuições teóricas permitiram à AD o entendimento de que o sujeito mantém contato com várias vozes de seu exterior, evocando os discursos de outrem ao produzir seu discurso. A partir disso, o sujeito “revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade

histórica e social; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico” (FERNANDES, 2008, p. 24).

Essa união de várias vozes que são constitutivas do sujeito é denominada de heterogeneidade discursiva e encontra-se na superfície discursiva evidente na materialidade linguística, materialidade essa que revela uma linguagem que “não é mais evidência, transparência de sentido produzida por um sujeito uno, homogêneo, todo-poderoso. É um sujeito que divide o espaço discursivo com o outro” (BRANDÃO, 1997, p. 50).

A heterogeneidade discursiva diz respeito à presença do Outro que forma o sujeito produtor de discursos. Vale salientar que a junção de vozes – constância do Outro – revela um interdiscurso, que é a união dos discursos de forma entrelaçada no interior de uma formação discursiva – o que pode ser dito em uma dada época e conjuntura social, historicamente definida.

A voz do Outro aparece no texto do sujeito sob as formas de heterogeneidade mostrada e de heterogeneidade constitutiva, sendo a primeira revelada de forma explícita na materialidade textual, ou seja, o Outro aparece sob as formas de discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre e ironia (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25), isto é: indica-se no próprio texto a presença de outras vozes, que não a do locutor. Já na segunda forma de heterogeneidade, a voz do Outro não aparece marcada no fio discursivo, ou seja, o outro não aparece de forma explícita (MESQUITA; ROSA, 2010, p. 3). Revelando-se como algo mais subjetivo, as manifestações de heterogeneidade constitutiva se encontram no interdiscurso do sujeito, sob a forma de recursos capazes de mostrar diferentes vozes, sem deixar clara a delimitação de sujeitos.

Ao aliar as concepções de heterogeneidade discursiva com o estudo do texto literário, percebe-se uma interessante relação entre dois campos do saber da linguagem aparentemente separados: a AD e a Literatura. Ao considerarmos que o texto literário carrega a voz do autor e, conseqüentemente, a alteridade que o constitui, percebemos que a heterogeneidade discursiva se dá, também, no texto literário, sob a forma de uma “disciplinarização dos dizeres” (SANTOS, 2009, p. 160).

Para estudar esse pressuposto, analisamos um poema de Carlos Drummond de Andrade, intitulado *Poema de sete faces*, o aliando à teoria estudada sobre as formas de heterogeneidade discursiva, imersas na AD de linha francesa. Objetivamos, assim, levantar indícios de como se dá a relação de heterogeneidade discursiva na materialidade linguística da poética drummoniana, o que pode tornar o estudo relevante ao olhar acadêmico, quer por existirem poucas pesquisas que relacionem Análise do Discurso e Literatura, quer pela possibilidade de se proporcionar um novo olhar aos admiradores do poeta *gauche*.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A NOÇÃO DO SUJEITO EM ANÁLISE DO DISCURSO

A concepção de sujeito anterior à década de 60 nos estudos linguísticos concebia o sujeito enquanto ser único, que originava e produzia o sentido de sua interioridade, colocando-o, assim, em posição central, detentora de poder. Esse sujeito em muito diverge do sujeito da AD, que, segundo Fernandes (2008, p.35) é:

[...] constituído por diferentes vozes sociais, é marcado por intensa heterogeneidade e conflitos, espaços em que o desejo se inter-relaciona constitutivamente com o social e manifesta-se por meio da linguagem.

Para a AD, o sujeito não é único, portanto, seu discurso não é original nem tampouco originado de sua única voz. Justamente por ser um sujeito histórico e ideológico, sua fala representa um tempo e um espaço constituído por várias vozes. Conforme Brandão (1997, p. 49):

Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo).

Essa noção não se relaciona mais com definições que resultam na homogeneidade do sujeito, mas que revelam um sujeito heterogêneo, cindido e constituído pelo Outro – outras vozes que formam e imprimem no sujeito um ser imerso em determinada ideologia, num dado momento histórico, de uma dada coletividade. Essas vozes se encontram no interdiscurso, ou na heterogeneidade constitutiva do sujeito ativada por meio da heterogeneidade mostrada na materialidade linguística.

3. A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA: CONSTITUTIVA E MOSTRADA

Authier-Revuz (1990), ao tratar sobre as formas de heterogeneidade discursiva, parte do suporte do dialogismo do círculo de Bakhtin e da teoria polifônica, conceito inicialmente discutido por Bakhtin e retomado por Ducrot. A primeira teoria coloca o sujeito como totalmente ligado ao Outro, de forma que o sentido do texto não pode ser visto sem a correlação com outros discursos já ditos. A segunda teoria diz respeito às vozes diversas que constituem o sujeito discursivo.

Ao levarmos em conta a concepção de Authier-Revuz (1990, p. 26), quando a autora considera a heterogeneidade mostrada como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso, percebemos que não há uma separação estanque entre as duas formas de heterogeneidade, mas, sim, uma relação entre vozes que, inconscientemente ou conscientemente, são ativadas pelo sujeito ao produzir discurso a partir do interdiscurso de maneira opaca ou marcada. Conforme Authier-Revuz:

Heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição (*idem*, p. 32).

A heterogeneidade constitutiva do sujeito gera na produção do discurso a heterogeneidade mostrada. De acordo com Mesquita & Rosa (2010, p. 132):

A reelaboração dos dizeres, que está na origem da constituição do dizer, é responsável pela heterogeneidade dos discursos e, ao se revelar de forma explícita na materialidade textual, é denominada heterogeneidade mostrada. Diferentemente da heterogeneidade constitutiva, ela seria a indicação na superfície do texto da presença de outros discursos, de outras vozes que não a do locutor.

Authier-Revuz (1990) diferencia as formas de heterogeneidade mostrada marcadas (discurso direto, citação aspas, itálicos) das formas de heterogeneidade mostrada não marcadas (ironia, pastiche, discurso indireto livre, metáforas etc.).

4. RELAÇÕES ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO E LITERATURA

O escritor lida, por meio da alteridade, no seu interdiscurso, com a multiplicidade de discursos que o instituem, precisando discipliná-los para exercer sua função-autor, inscrita em determinada formação ideológica. O escritor precisa disciplinar ou redimensionar essas várias vozes que formam seu interdiscurso de forma a revelá-los, explícita ou implicitamente, na materialidade linguística do texto poético, no caso do poeta Drummond. Conforme Santos (2009, p. 169):

Nesse redimensionamento, colocar-se-á em alteridade exclusões, interdições e rarefações de saberes, circunstancializados em direitos, privilégios ou exclusividades de um exercício de poder, instaurado por uma função-autor. Essa tríade (exclusões, interdições e rarefações), colocada em um processo de alteridade descontínua pela história e pelo devir de saberes, é construída em uma dada prática de poderes que entrecruza esses saberes enquanto regularidade de uma dada ordem discursiva.

5. ANÁLISE

Tendo em vista toda a discussão a respeito da heterogeneidade discursiva, bem como sobre a relação entre Análise do Discurso e Literatura, pensamos que a análise de um texto, mediante a perspectiva teórica da AD, seria uma boa opção para verificar como se dá a heterogeneidade discursiva no discurso literário. Conforme nosso objetivo, escolhemos o *Poema de sete faces* do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, presente no livro *Alguma poesia*, de 1930:

POEMA DE SETE FACES

*Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.*

*As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.*

*O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.*

*O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.*

*Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus,
se sabias que eu era fraco.*

*Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.*

*Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.*

Carlos Drummond de Andrade, poeta de Itabira, Minas Gerais, nascido no ano de 1902 e falecido no ano de 1987, foi um escritor de grande reconhecimento pela crítica literária. Tendo caminhado pela crônica e pelo conto, foi na poesia que Drummond se destacou, sendo, até os dias atuais, um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos.

Em 1930, Drummond publica *Alguma poesia*, o livro de estreia do escritor. Ainda que fosse a sua primeira obra, algumas características de sua poética, como os poemas pessimistas, humorísticos, mórbidos, líricos, sensuais, irônicos e amorosos, já se destacam. Na fase *gauche* (em francês, retraído, torto, tímido) do autor, que perdura durante a década de 30 do século XX, um dos poemas mais significativos, presente em *Alguma poesia*, é *Poema de sete faces*.

Nas sete estrofes do poema, Drummond revela, de forma autobiográfica, diferentes características de sua personalidade sempre em conflito ou desajuste com o mundo, de modo que a desesperança, ao observar o ritmo das coisas, percorre todo o poema. O poeta parece ser predestinado, desde o seu nascimento, ao não “cabimento” no mundo e sente-se injustiçado com a situação que lhe é imposta por Deus, cabendo-lhe somente a comoção como o Diabo, diante sua situação de desacerto com tudo e todos.

O sujeito-autor desse poema organiza seu discurso utilizando-se de vozes das mais diversas. Estando em um espaço de formação discursiva literária, o sujeito-autor elabora seu discurso relacionando e observando particularidades e diferenças entre saberes de formações discursivas entrelaçadas no

interdiscurso. Ao nos depararmos com o poema, encontramos uma formação discursiva predominante em partes das sete estrofes. A FD que lida com a crença cristã, que chamaremos de FD religiosa.

Em *Quando nasci, um anjo torto/desses que vivem na sombra/disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida*, o discurso da figura do anjo relacionada ao nascimento está imersa na interdiscursividade – heterogeneidade constitutiva – do autor, porém, ao se defrontar com o discurso que vê o anjo de outra maneira (um ser que vive na sombra), produz no discurso, evidente na materialidade linguística, um sentido que vai de encontro ao do anjo que traz boas novas no discurso cristão.

Já em *Meu Deus, por que me abandonaste/se sabias que eu não era Deus,/se sabias que eu era fraco*. O poeta utiliza-se de um enunciado encontrado na bíblia, mais precisamente no livro de Mateus, capítulo 27, versículo 46: “E perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lama sabactani; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”. Por meio da heterogeneidade mostrada marcada, o poeta repete o enunciado dito por Jesus, no momento de sua crucificação. A voz oriunda do texto bíblico e evidente na materialidade linguística do discurso literário comprova que um sujeito incompleto busca em outras vozes a constituição de seu discurso. No caso, o poeta sente-se injustiçado, da mesma maneira que o cristo crucificado, pelo abandono que sofre por um ser superior (Deus) que é o responsável pelo infeliz trajeto de sua vida.

Por fim, em *Mundo mundo vasto mundo/se eu me chamasse Raimundo/seria uma rima, não seria uma solução./Mundo mundo vasto mundo,/mais vasto é meu coração*, o poeta, por meio de sua memória discursiva ou interdiscurso, evoca o significado do nome Raimundo (poderoso, protetor) de forma que, nem se ele tivesse um nome com essa significação, a sua vida de incomunicabilidade com o mundo mudaria.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode jamais desconsiderar o mérito de uma criação poética, pois o trabalho com a palavra de maneira artesanal e solitária, caso da poesia, não ocorre de modo simples. Mas, ao se analisar discursivamente um texto poético, chega-se à conclusão de que o senso-comum acerca do poeta enquanto sujeito criador de um texto que surge exclusivamente de sua interioridade, por intermédio exclusivamente seu, é, no mínimo, equivocado.

Ocorre que o poeta, assim como todos nós que produzimos textos, na posição de sujeito-autor, também se utiliza de diversas vozes entrelaçadas, encontradas na sua memória discursiva, para, só assim, produzir o discurso evidente na materialidade linguística do poema. É o caso de Drummond, que em seu discurso de indignação perante a sua não-aceitação no mundo, utiliza-se de vozes já ditas em épocas distintas da dele.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de promessas**. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: King Cross, 2006.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Paulo: Claraluz, 2008.
- MESQUITA, Diana Pereira Coelho de; ROSA, Ismael Ferreira. As heterogeneidades enunciativas como aporte teórico-metodológico para a Análise do Discurso de linha francesa. **Veredas**: revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 130-141. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-10.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2014. ISSN 1982-2243.
- SANTOS, João Bôsko Cabral dos. Panóptico da discursividade literária. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; GAMA-KHALIL, Marisa Martins; JÚNIOR, José Antônio Alves (Orgs.). **Análise do discurso na literatura**: rios turvos de margens indefinidas. São Paulo: Claraluz, 2009. p. 160-175.